

**JERSON KELMAN****TODA FRANQUEZA SERÁ CASTIGADA?**

Estava com minha mulher na fila do check in de embarque para os EUA. O celular tocou: uma câmara subterrânea havia explodido em Copacabana. Ansiedade e angústia provocadas pela nítida lembrança do embarço e da emoção causados pela explosão de outro transformador, há menos de um ano, no mesmo bairro, que causou sérias queimaduras num casal de turistas americanos.

Na época, estava há dois meses à frente da Light, ainda fazendo um diagnóstico da situação, e sentia o peso da responsabilidade de dirigir uma empresa que vivia um momento difícil por conta da deterioração da qualidade do fornecimento de energia elétrica, sobretudo na zona Sul do Rio. A explosão, seguida de forte comoção pelo sofrimento dos turistas, revelou brutalmente que a dimensão do desafio era muito maior do que eu havia suposto. Não se trata apenas de melhorar a qualidade do serviço, mas também de assegurar a segurança dos transeuntes.

Trabalhamos duro e já em julho de 2010 iniciamos um programa de modernização das 4 mil câmaras subterrâneas (CTs), onde se localizam os transformadores. Não poupamos recursos na troca dos equipamentos que, ao longo dos anos, não haviam sido renovados. Estávamos satisfeitos com os resultados – um notório decréscimo em frequência e duração das interrupções –, e eu podia ir ao encontro de investidores nos EUA e proferir uma palestra em Harvard sobre a importância das UPPs para o ambiente de negócios no Rio. Foi quando meu celular tocou.

Cancelei os compromissos e fui direto ao local da explosão. Cena assustadora: o tampão da CT havia voado e caído sobre o teto de um táxi que passava pelo local. Achei que o taxista não poderia ter sobrevivido. Fui de imediato para o hospital e constatei o milagre: ele estava bem, com leves escoriações. Ele e outros quatro passantes tiveram alta no mesmo dia. Por prudência, a Light internou o taxista numa clínica particular, para observação. E, naturalmente, se prontificou a indenizar as vítimas, sem necessidade de nenhuma ação judicial.

No dia seguinte, durante entrevista coletiva na sede da Light, surgiu a inescapável pergunta: pode acontecer novamente? Disse que seria leviano responder de forma negativa. Até porque não existem sistemas elétricos 100% seguros em nenhum lugar do mundo. Em 2001, por exemplo, ocorreram 14 explosões no sistema subterrâneo de Washington D.C.

Um dos jornalistas quis detalhes sobre o programa de modernização. Expliquei que 1.170 CTs críticas para o sistema elétrico haviam sido selecionadas para instalação de sensoriamento remoto. Todas passam por manutenção regular e haviam sido inspecionadas de forma detalhada a fim de que fosse determinado o que deveria ser feito como etapa preliminar à instalação do monitoramento. Em 1.040 delas essas providências já haviam sido finalizadas, inclusive a de higienização. Restavam, portanto, 130 CTs. Aí veio a pergunta “casca de banana”: a que explodiu era uma dessas 130?

Na hora não me dei conta do efeito devastador da resposta “sim”. No racio-

ínio da jornalista e da maior parte da população, não haveria a menor dúvida que as demais 129 CTs também explodiriam. É uma lógica análoga à de achar que todos os que usam sandália de dedo são criminosos, já que a maior parte dos que estão nas prisões usam sandálias de dedo. Lógica que não reconhece que os bem calçados também cometem crimes. O que, no contexto dessa discussão, significa que os equipamentos bem mantidos também falham.

Nos dias seguintes, jornais, Ministério Público, Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, Procon, entre outros, exigiam que a Light identificasse os “bueiros-bomba”, na denominação criada por algum jornalista, que eu jamais utilizei. O jornalista Artur Xexéo, de *O Globo*, especialista em generalidades, pontificou: “o que o sr. Kelman está esperando para sinalizar que bueiros são esses?” e concluiu afirmando que “das duas uma, ou o sr. Kelman é irresponsável ou é incompetente”.

Minha vida de dirigente público foi pautada por incompreensões desse tipo. Agora, como dirigente de concessionária de serviço público, não é diferente. Como ensinei estatística durante muitos anos, adquirir a falsa percepção de que os conceitos probabilísticos podem ser entendidos por leigos, se devidamente explicados. Mas, na prática, não é assim. Na sequência de eventos que causam comoção pública, quem é transparente e diz o óbvio tende a ser visto como incompetente. A franqueza é confundida com fraqueza.

A coluna de Jerson Kelman é publicada a cada dois meses.

Índice de Anunciantes

Braselco	73	Flutrol	49	Petrobras	85	Sinecon	60
Brunel Energy	60	FMC	61	Phelps Dodge	34	Sotreq	29
Cameron	4a Capa	Lewa Bombas	28	Proview	8	Superior Energy	57
Dow Wire & Cable	63	Locar	3a Capa	Queiroz Galvão	43	Tenaris Confab	2a Capa
Dresser-Rand	11	Mercotubos	35	Reed Alcantara	7	Wartsila	27
Flamoil	60	Parker Hannifin	31	Schlumberger	5	Weatherford	47